

O corpo como estratégia de marketing da Bola de Neve Church

Eduardo Meinberg de Albuquerque MARANHÃO FILHO¹

"Bola de Neve é porque eu sabia que seria uma coisa que cresceria. Church porque era como os primeiros frequentadores, esportistas que costumam usar muitas palavras em inglês, chamavam carinhosamente o templo. Acabei incorporando (PEREIRA, LINHARES, 2006, p. 82)." É assim que Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, surfista, formado em propaganda e marketing e pós-graduado em administração, líder da Bola de Neve Church define a instituição fundada por ele em 1999. Sobre o nicho mercadológico selecionado por Rinaldo, assim analisa Bruna Suruagy Dantas:

No mercado saturado de ofertas pentecostais, o pastor Rina, como é conhecido, teve a ousadia e perspicácia de escolher um segmento pouco prestigiado e explorado pelas igrejas evangélicas. Decidiu dirigir seu discurso religioso a surfistas, skatistas, fisiculturistas, lutadores de jiu-jitsu e esportistas de modo geral. Pretendia atingir a geração dos esportes radicais através de uma linguagem especial, menos formalizada. Criou uma imagem própria capaz de seduzir um grupo específico (DANTAS, 2006, p. 125).

Dentre as estratégias de midiaticização e espetacularização da igreja, envoltas em planejamento de marketing consistente, sobressai-se a organização de eventos esportivos. É interessante notar que até alguns anos, a prática do esporte não era bem aceita entre os evangélicos, quanto mais estimulada. Como Magali do Nascimento Cunha comenta, nas décadas passadas os evangélicos "construíram no Brasil uma cultura de repressão do corpo e de todo o prazer que pudesse advir dele ou a ele ser direcionado", o que se fundamentaria na assertiva de que o "corpo é o templo do Espírito." Para esta,

Pressionadas pelo fato do lazer e a diversão serem parte do quadro das necessidades humanas, as igrejas históricas passaram a permiti-los, no entanto com duas condições: programá-los dentro do espaço religioso, sem que os participantes pudessem misturar-se aos "impuros incrédulos" e serem eles mal-influenciados; e nunca aos domingos, dia dedicado ao serviço a Deus (CUNHA, 2007, p. 147).

Segundo a autora, "foi assim que os evangélicos passaram a ser incentivados aos programas de lazer entre eles mesmos: construíram quadras de esporte nas propriedades de algumas igrejas; adquiriu-se equipamento para jogos nas igrejas, como tênis de mesa (CUNHA, 2007, p. 147)." Hoje em dia, mais que permitir, estimule-se a prática esportiva como maneira de criar a adesão de fiéis.

Desta forma, nos eventos esportivos promovidos pela BDN é apresentado o seu discurso religioso, que é acompanhado de canções *gospel*, especialmente as da igreja, que investe em gêneros musicais que estimulam o envolvimento emocional do visitante, como o *reggae* e o *rock*, ajudando a promover sua integração ao grupo. Por atender a uma demanda de seu público e fazer parte de uma estratégia de atração de fiéis, o surfe, assim como o *skate* e o futebol, são os esportes que recebem

¹ Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Contato: edumeinberg@gmail.com

maior atenção do *Sports*. Outra apropriação que a igreja faz dos esportes está na interpolação entre a radiodifusão e o futebol, o que se observa através do programa *Comendo Bola*, veiculado na *Bola Radio* e que procuraria aliar humor a futebol.² Segundo a seção News, do sítio oficial, o programa estaria “há pouco tempo no ar, mas já tem chegado ao topo em termos de audiência”. Seu locutor, Bruno Zion, assim teria comentado sobre o programa: “Um dia estávamos aqui na Rádio comentando sobre o fiasco de um jogo do Brasil e de repente resolvemos dar uma pausa na programação e fazer alguns comentários sobre o jogo no ar.” Segundo Zion, “ficou engraçado e foi aí que surgiu a ideia de fazer o programa.”³ Segundo o sítio, a comunicação com os ouvintes pode ocorrer através do MSN, do telefone⁴, de *blog* específico (www.comendobola.blogspot.com) e de uma “comunidade no Orkut criada pelos ouvintes”, o que identifica diferentes mídias como divulgadoras do programa. Como se depreende, a associação entre futebol e radiodifusão atende a uma demanda (o futebol por ser o esporte mais popular e praticado no país e a radiodifusão via *web* pela facilidade de interação com o público internauta), funcionando como agenciamento eficaz para a solidificação da BDN junto aos seus fiéis.

Na BDN, o ministério *Sports* é o responsável pelo planejamento e prática das estratégias de *marketing* esportivo da igreja. Segundo o sítio oficial da BDN,⁵ os líderes deste grupo são “surfistas, diáconos e pessoas que entendem e praticam esportes - todos membros da Igreja Bola de Neve”. O objetivo do grupo seria o de “chegar aos atletas com intuito de evangelizar”, além de prover “suporte como patrocínio, hospedagem e premiações”. E como é de se esperar de uma instituição que procura atrair novos frequentadores, os “circuitos são abertos ao público em geral, e não só para membros da igreja.” O caminho para tal, como o sítio refere, está em “rolar uma boa música, distribuição de panfletos evangelísticos, além de uma palavra direcionada.”⁶

Entendo que, de modo similar ao que ocorre em relação aos esportes, a BDN tenha, na aparência do corpo do fiel e em sua sexualidade, ferramentas importantes para sua midiaticização. Um discurso estético é interpolado com um doutrinário, em que formas diferentes de olhar, descrever e policiar o corpo são apresentadas: no primeiro, se privilegia a imagem do corpo como saudável e desejável, enquanto no segundo, regulamenta-se desejos do fiel. Identificar estes discursos provavelmente aponte para o amoldamento volitivo e estético dos frequentadores e também para a constituição do corpo como agenciador da veiculação e consolidação da igreja.

A *corpocratia*, como descreveram Stephane Malysse (MALYSSE, 2002, *passim*), Wanderley Codo e Wilson Senne (CODO, SENNE, 2004, *passim*), seria a supervalorização do corpo e da aparência, potente na sociedade atual, e que, se associa ao que Nicolau Sevcenko chama de *hipertrofia do olhar* (SEVCENKO, 2001, p. 68), quando a visão se torna fonte de orientação e interpretação dos fluxos e das pessoas através das mídias, ideais de modelagem do corpo, mundo *fashion*; à “constatação cotidiana de que nas sociedades contemporâneas existe uma crescente tendência em adular, valorizar e mostrar o corpo”, como contemplou Denise Bernuzzi de Sant’Anna (SANT’ANNA, 2001, p. 23), à criação “de necessidades pelo sistema”, que “vem fomentando o hedonismo e o narcisismo,” como confere Ana Lúcia de Castro (CASTRO, 2007, p. 21), e à valorização do corpo no neopentecostalismo, que segundo Leonildo Silveira Campos, “se faz presente na insistência em embelezá-lo, torná-lo atraente, oferecer-lhe

² *Bola Radio*. Disponível em: <www.bolaradio.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2009.

³ News. *Bola de Neve Church*. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news_081105.jpg>. Acesso em: 3 maio 2009.

⁴ Programa de troca de mensagens instantâneas pela rede mundial de computadores. Segundo a notícia veiculada, as ligações e mensagens viriam de “diversos lugares do Brasil, até em locais que não há uma Bola de Neve, e também mensagens e ligações internacionais como Japão e EUA”, o que identificaria a importância de se mostrar a ampla interação do público, ultrapassando fronteiras.

⁵ *Bola de Neve Church*. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2009.

⁶ News. *Bola de Neve Church*. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news_090901.jpg>. Acesso em: 10 dez. 2009.

conforto, bem-estar, recuperar a saúde, coisas extremamente desejáveis na atual sociedade de consumo (CAMPOS, 1997, p. 15)⁷, o que, como considero, se identifica nos fiéis da BDN através da adequação a tendências de moda e dos cuidados com o corpo.

Como a BDN é uma igreja associada ao esporte, à saúde e à juventude, é comum ver corpos bonitos e trabalhados através de exercícios físicos, no sentido comentado por Castro de que “a construção da aparência, envolvendo adornos, posturas e modos de vestir, passa a depender cada vez mais das formas e volumes corporais e torna-se elemento central no projeto reflexivo do self (CASTRO, 2007, p. 16)”. Jovens que se preocupam com sua aparência e/ou cuidado corporal, e costumam frequentar o mesmo espaço evangélico, não são novidades, como comenta Ricardo Mariano, para quem “só nos anos 80 é que efetivamente despontaram significativas transformações na estética, nos costumes e hábitos pentecostais (MARIANO, 1995, p. 188)”. Como anota Márcia Regina da Costa, os Atletas de Cristo e Surfistas de Cristo, fundados na década de 1990, representavam um “rompimento com o ascetismo tradicional protestante,” sendo o corpo “revalorizado e tido como instrumento para a ação do Espírito Santo (COSTA, 2004, p. 51)”, no caminho do que comentou Campos, de que “enquanto o pentecostalismo clássico, herdeiro do movimento puritano, impõe regras severas sobre o corpo”, os neopentecostais “o ressitua, fazendo das reações dele o centro de uma liturgia ágil e viva, na perspectiva de encará-lo como um templo do Espírito Santo (CAMPOS, 1997, p. 14)”.

Nesta direção, a partir de minha experiência participada, na BDN isto se identifica na liberdade que os membros têm de atravessarem a experiência religiosa através do corpo, seja no modo de se vestir, seja exclamando *slogans* durante a liturgia, ou se abraçando durante os momentos de oração, em um espaço cúltico favorável para que isto aconteça.

Através de minha observação participada, na filial de Florianópolis, por exemplo, durante o momento de louvor e adoração, enquanto pessoas acompanham a plenos pulmões as letras que são colocadas no telão, há indivíduos que correm pelo ambiente, alguns balbuciam palavras estranhas (fenômeno conhecido como glossolalia), outros preferem orar ajoelhados, uns caem ao chão sentindo-se visitados pelo Espírito Santo, enquanto há quem bata palmas de modo aparentemente frenético, também referindo a manifestação da presença divina. Alguns fiéis dão brados como *glória a Deus* e *aleluia*, mas também *ô glória*, *ô mistério*, *quebra o vaso*, *desenrola o manto*, *fala Jeová*, expressões também usadas durante a audiência das pregações.

Há também a interpolação destas manifestações, como o ficar deitado enquanto refere episódio de glossolalia, ou dançar abraçados, por exemplo. Manifestações diferentes podem ocorrer, especialmente se elas refletirem a criatividade do indivíduo, o que pode se mostrar em sua corporeidade. Entretanto, apesar de ter observado na BDN manifestações aparentemente originais, como dar cambalhotas e “dar peixinho” (de modo semelhante à comemoração do futebol, onde o jogador se joga de peito no chão, amparado pelas mãos), infiro que elas se amparam num espectro de manifestações consideradas convenientes, ou que combinam com este espaço litúrgico específico. Em igrejas diferentes, outros tipos de manifestação corporal, supostamente reflexivas da ação do Espírito Santo, podem ser identificadas.

As reações variam de acordo com fatores diversos: o gênero da canção, a qualidade do áudio e da canção, se o artista é carismático ou famoso, o quanto ele estimula seu público a participar,⁸ a

⁷ Campos contempla ser “significativo observar que o jornal oficial da IURD, Folha Universal, tem colunas permanentes sobre beleza feminina, ginástica, as modas mais apropriadas para as várias estações do ano, aconselhamento sobre as novas descobertas em termos de cosméticos, formas de rejuvenescimento, higiene e outras mais. Estimula-se também a apreciação do belo feminino, reproduzindo-se, em cada edição, uma fotografia, aparentemente retocada, com legendas do tipo: “H.C., esta bela morena de olhos verdes, com todo esse sorriso, é obreira da Igreja da Abolição (CAMPOS, 1997, p. 15)”.

manifestação coletiva, dentre outros possíveis. Ainda em relação a Florianópolis, percebi nas unidades de igrejas pentecostais mais tradicionais, como as Assembleias de Deus, especialmente as situadas em bairros mais afastados do centro, fiéis que dançavam girando o corpo em movimento de 360°, outros que dançavam parecendo incorporados por espíritos ou orixás, de maneira semelhante às manifestações de cultos de matriz africana como a umbanda, que visitei algumas vezes, o que pode, supostamente, indicar um trânsito religioso marcado por pessoas que migraram destes movimentos religiosos para o pentecostalismo. Como anota Maria Lucia Montes, “já se fala de exus e pomba giras específicos aos cultos neopentecostais, versão própria, produzida nessas igrejas, das entidades dos terreiros de candomblé e centros de umbanda, de que elas são uma imagem distorcida e quase caricatural (MONTES, 2000, p. 123)”, o que pode sublinhar esta reverberação de cultos de matriz africana no (neo) pentecostalismo.

Este fenômeno pode ser identificado, por exemplo, no uso que os evangélicos, sobretudo os (neo) pentecostais, fazem da expressão “tá amarrado!”, expressão própria da umbanda, que visa “amarrar”, ou impedir a atuação de uma determinada entidade, e que é apropriado largamente por igrejas como a IURD (Universal do Reino de Deus), e por vezes pela BDN, no sentido de “amarrar” uma suposta manifestação demoníaca do fiel.

De toda maneira, estas últimas manifestações corporais também são observadas na BDN, ainda que de modo fortuito, pois há crentes destas igrejas que a visitam, ou passam a frequentar a BDN. A este tipo de manifestação, que no ambiente evangélico é geralmente entendida como sinal do “fogo do Espírito Santo”, muitas expressões costumam ser referidas, como “tal pessoa caiu no reteté”, ou “está no óleo”, ou “na benção”, “este é tocha”, dentre outras. Ser referido nestes espaços como “estando no óleo” ou “ser tocha”, por exemplo, é sinal de posituação do *status* social, e aponto para a possibilidade de que alguns fiéis manifestem uma determinada corporeidade com o objetivo de se inserirem ao grupo ou serem admirados por este. De todo modo, no campo religioso evangélico, principalmente dentro do (neo) pentecostalismo, o corpo é visto como canal manifesto de espiritualidade e contato com Deus.

Nas reuniões da BDN, especialmente na unidade de Florianópolis, quando a temperatura está mais quente, é comum ver moças que vão aos cultos usando saídas de praia, *tops*, bustiês, regatinhas, tomara-que-caiam, *shorts* e vestidos curtos, às vezes maquiadas e adornadas com pulseiras, brincos, colares e outros acessórios, bronzeadas e ostentando corpos bronzeados e às vezes decorados com tatuagens (algumas com versículos bíblicos ou o nome de Jesus), e *piercings*. É normal que os rapazes (ou “varões”, como costuma se dizer nestas igrejas) se apresentem “cuidadosamente despojados”, usando chinelos ou tênis, bonés, bermudas no estilo *surf wear* e camisetas regatas (em geral ostentando marcas em inglês), em alguns casos exibindo *piercings* e *tattoos*, alguns com os corpos escurecidos pelo atividade do surfe.

Assim, há corpos em evidência a todo o tempo, e isso se mostra adequado, senão até desejável. Nesta linha de pensamento, Malysse comentou que “o bronzado, a musculação, as roupas justas vestem o corpo e formam uma espécie de segunda pele natural, que permite a cada um identificar-se e incorporar valores estéticos coletivos (MALYSSE, 2007, p. 113)”. E a “*corpólatría* escreve diretamente seus costumes e modelos na carne daqueles que se dedicam a ela, os *corpólatras* são convidados a escolher seu corpo, esculpindo-o (MALYSSE, 2007, p. 110)”, e para ele ainda, o corpo “parece estar no centro das estratégias do vestir (MALYSSE, 2007, p. 112)”. No caso dos fiéis da BDN, além do amoldamento do corpo a um padrão mais ou menos comum e através de esportes como o

⁸ O estímulo pode se dar de várias formas, como percebi, e dentre elas, o cantor (ou ministro de louvor como se convencionam nestes lugares) pode pedir que o fiel coloque a mão próxima ao coração, abrace a pessoa ao lado, cerre os olhos, baixe ou levante a cabeça, dance, pule, se aquiete, sente ou fique em pé.

halterofilismo e o surfe, se molda a aparência por meio da aquisição de acessórios e roupas, algumas comercializadas nas próprias Lojinhas da Bola, pontos de distribuição oficial dos produtos da igreja.

Observando os rapazes e moças que constituem o público-potencial da BDN, percebe-se que há características que os identificam, ao mesmo tempo em que os diferem dos membros de outros segmentos evangélicos. Se em pentecostais como a *Assembleia de Deus*, ao menos em boa parte de suas unidades, é recomendável, como comenta Montes, “as vestimentas sóbrias padronizadas para homens e mulheres no culto dominical, o corte do cabelo e o penteado que passam a se conformar a um mesmo estilo uniforme, estranho às modas do momento (MONTES, 2000, p. 148)”, ou como notei, que o público masculino se traje semelhantemente a executivos, com roupas sociais acompanhadas de gravatas e adotando cortes curtos de cabelos, e é conveniente que as mulheres mantenham suas madeixas longas e usem *tailleurs* e trajes festivos, supostamente chiques e muito pouco *sexies*, na BDN a relativa flexibilização da aparência do fiel o diferencia deste estereótipo do crente. A flexibilização da aparência do jovem da BDN aponta para a uma aparência que o distancie da estética das pentecostais tradicionais, identificando e reproduzindo outros padrões de beleza em vigor na sociedade contemporânea, o que Dantas ilustra como “um visual moderno a fim de se diferenciar do estereótipo do jovem evangélico,” se aproximando, “pelo menos na aparência, das pessoas que não frequentam congregações pentecostais, o que contribuiria para o processo de evangelização (DANTAS, 2006, p. 116)”, sinalizando para o corpo e a aparência do fiel como parte das estratégias de *marketing* da igreja.

Ao se procurar este distanciamento, a comunidade dos frequentadores da BDN acabe por promover uma nova estereotipia do ser *jovem evangélico*. Para Dantas, “não há regulamentação das vestimentas nem padronização de estilos (DANTAS, 2006, p. 116)” na BDN, mas o fato dos líderes se apropriarem ou reverberarem as tendências de moda mencionadas, sendo eles objeto de admiração, pode fazer com que alguns jovens queiram se vestir de modo semelhante, e em movimento contrário, é possível que o líder, para ser bem-aceito por uma congregação de fiéis, venha a se trajar ao estilo destes. Se por mimese o membro da BDN identificar estas tendências de moda e se apropriar delas, isto corrobora, de certa maneira, a existência de uma padronização estilística, o que sinalizaria para que a flexibilização em relação à aparência do fiel, na BDN, seja só aparente.

Nas unidades litorâneas é mais fácil identificar que tanto líderes como fiéis se trajam de modo semelhante, ecoando o visual dos surfistas e servindo como promotores da imagem da BDN como igreja deste tipo de público, o que poderia apontar para uma espécie de “uniforme informal”, ou de modo a reverberar o conceito de “símbolos autorizados” de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1996, *passim*), “roupa autorizada,” que seria conveniente ao fiel vestir para ser mais bem aceito pela coletividade, e que por ser usada pelos líderes, é “autorizada” e recomendada.⁹

Em sentido similar, Georg Simmel, como comenta Castro, observa que a moda “é um domínio de imitação universal, uma imersão na silagem social mais larga, um alívio para o indivíduo da responsabilidade por seus gostos e suas ações”, mas relativiza a assertiva dizendo que ao mesmo tempo, “ela é uma distinção, uma acentuação, um embelezamento individual da personalidade (SIMMEL, Apud CASTRO, 2007, p. 84)”, o que poderia identificar a conexão entre o culto à aparência e a inserção ao meio, que entendo potente na BDN.

Para Castro, o culto ao corpo “aparece como *obrigação quase religiosa*”, o que apontaria para a coerção social, “mas ao mesmo tempo, possibilita a construção de uma identidade social e de

⁹ Neste sentido Bourdieu propôs a associação entre uma “voz autorizada (o líder instituído)”, uma “palavra autorizada (a Bíblia, leitura considerada sagrada)”, um “templo autorizado (a própria igreja onde se dá o ato litúrgico)” e os “ritos autorizados (que constituem esta liturgia)”. BOURDIEU, 1996, *passim*.

estratégias de distinção, conferindo uma margem de autonomia ao indivíduo frente às imposições sociais (CASTRO, 2007, p. 115)”, enquanto para Campos, “é justamente nessa cultura narcisista que o corpo assume um lugar importante como instrumento de comunicação e de expressão das pessoas entre si e destas com o sagrado (CAMPOS, 1997, p. 16)”, o que, como comentei a respeito da Lojinha, pode configurar o corpo como suposto instrumento do fiel para se chegar a Deus.

Assinalando uma demanda pela exposição do corpo na lógica publicitária, Sant’Anna afirma que “a multiplicação de imagens sobre corpos saudáveis e sempre belos é bem mais rápida do que a produção real de saúde e beleza no cotidiano (SANT’ANNA, 2001, p. 70)”, sublinhando a interpolação entre imagem corporal e veiculação pelas mídias, o que no caso da BDN ocorre, dentre outras possibilidades, através da Crista e das imagens embutidas no sítio. Esta autora também contemplou que numa cultura “que reconhece as pessoas a partir daquilo que elas possuem e daquilo que elas conseguem acessar, ter um corpo e suas “senhas” de acesso, representa uma riqueza invejável. Por isso, é preciso ostentar isto que se tem, frisar a posse, para si e para os outros (SANT’ANNA, 2001, p. 19)”, e em sentido parecido, Sevcenko ilustrou que

O potencial de atrair e cativar já não está mais concentrado nas qualidades humanas da pessoa, mas na qualidade das mercadorias que ela ostenta, no capital aplicado não só no vestuário, adereços e objetos pessoais, mas também nos recursos e no tempo livre empenhados no desenvolvimento e na modelagem do corpo (...), em outras palavras, sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra (SEVCENKO, 2001, p. 64).

O que Sevcenko identifica é a possibilidade de ser melhor aceito quanto mais adequado ao meio for o corpo e as mercadorias que lhe adornam e veiculam, o que se insere no contexto da contemporaneidade em que vivemos, e ao qual igrejas como a BDN se vinculam. De certo modo, isto sugere um controle social do corpo, que como Castro anota, “se dá pelo controle da sexualidade na sociedade moderna, que, aprisionando os corpos desviados e desocupados, os transforma em corpos dóceis, eficazes e proveitosos (CASTRO, 2007, p. 21)”¹⁰, o que para a BDN sugeriria que a adequação do fiel a um conjunto de convenções, como determinadas tendências de moda, pode demonstrar uma tentativa de controle social por parte da igreja.

O controle do corpo e da sexualidade do fiel da BDN ocorre através de seu discurso doutrinário, que apesar de ser flexível na forma com que é exposto, ele é rígido em relação a alguns valores, como sexo antes do casamento, virgindade, namoro, relações sexuais, etc.

Atrevo-me aqui, a denominar este discurso mais flexível da BDN, e que se mostra tanto na coloquialidade do linguajar como na liberalização em relação aos usos e costumes do seu fiel, de discurso *derretido*, e ao discurso autoritário, que tende à monossemia e se mostra em seu conjunto de doutrinas, chamo de *congelado*. A BDN, através deste discurso congelado ou rígido, visa o controle e a regulamentação volitiva do fiel, o inserindo em uma cosmovisão onde há um ideal: a *ascese*, chamada nos ambientes evangélicos de *santidade*, e entendida nestes lugares como a castidade ou abstinência sexual, mortificação da carne e renúncia aos prazeres ligados ao sexo.

¹⁰ Castro se fundamenta em conceituação de Michel Foucault, cuja obra referenciada por Castro é *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

Para o crente, é condição *sine qua non* que se mantenha puro, como comentou Rinaldo Seixas em pregação recente: “Aquele que foi alvo da verdadeira graça, nunca mais oferece os membros do seu corpo ao pecado. Ele nunca conseguirá dormir em paz e o seu espírito estará atormentado até que ele confesse o seu pecado e se acerte com Deus.”¹¹

Para os núcleos neopentecostais como a BDN, a sexualidade e satisfação sexual só é permitida em uma condição específica: após o casamento monogâmico, heterossexual e preferencialmente entre frequentadores da instituição, realizado com anuência do sacerdote e em cerimônia pública.

Durante minhas visitas identifiquei conjuntos de regras que definem o que é consentido e o que é interdito na experiência sexual. De maneira geral, a satisfação sexual é não só permitida como estimulada, desde que de modo consensual entre o casal heterossexual casado sob as bênçãos da igreja (não necessariamente da BDN, mas de outra igreja evangélica), o que aponta para a regulação da vida sexual do solteiro, que deve realizar esforços para se casar.

Dentre estes esforços, identifiquei o processo de oração a Deus pedindo o “envio da bênção (pessoa amada)”, seguida de solicitação e concordância de namoro ao pastor da instituição, posterior namoro e noivado (em geral em prazos acordados com o líder), até o clímax do processo, o matrimônio autorizado, sacramentado e realizado pela BDN. O celibato pré-casamento é condição *sine qua non*, incluindo-se práticas hedonistas individuais como a masturbação, considerada pecado grave neste ambiente.

É provável que muitos indivíduos e casais assumam determinadas *táticas* para satisfazer sua sexualidade, em detrimento da regulação promovida pelo estabelecimento, no sentido dado por Michel de Certeau, da tática como movimento “dentro do campo de visão do inimigo (...) e no espaço por ele controlado” onde se “aproveita as “ocasiões” e delas depende (CERTEAU, 1996, p. 100)”, mas de todo modo, qualquer atitude fora do que a igreja considera conveniente deve ser contada aos líderes.

A submissão aos direcionamentos do sacerdote e a interdição da sexualidade são considerados determinantes para que o relacionamento afetivo se concretize, e “cair na carne”,¹² ou o não-cumprimento destas regras, segundo a igreja, transformaria os “momentos de bênção em maldição”, podendo levar a sanções como a ordem para o fim do relacionamento, no caso de namoro ou noivado,¹³ o afastamento do trabalho voluntário nos ministérios ou de cargos de liderança. Dantas dá um exemplo neste sentido, através do depoimento de um frequentador impedido pelo então pastor Rinaldo de se tornar líder de célula por ter se envolvido sexualmente com outra fiel:

Marcos: Foi assim, na hora rolou, a gente ficou e depois eu nunca mais vi ela. A gente parou de se falar. Aí, passou um tempo e chegou até a boca da Sara, que

¹¹ Trecho da pregação Síndrome de Ananias, de Rinaldo Seixas. Cultos em áudio. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=media>. Acesso em: 23 jan. 2010.

¹² Como me refiro a partir de minha observação, *cair ou entrar na carne* é o mesmo que *pecar*, ou ter algum tipo de relação sexual. Usualmente é chamada de *sair do espírito*.

¹³ Me refiro, através de minhas observações da igreja, que o casamento, como se costuma pregar, é “plano de Deus para a vida do casal”, sendo indissolúvel. Não há, na BDN, e como em praticamente todo campo religioso evangélico, a anuência para a cessação do casamento, dizendo-se que “Deus abomina o divórcio”. Aos que aventam a possibilidade de se libertarem deste vínculo, costuma-se citar os versos de 1 Coríntios 7:10-11, que diz: “Todavia, aos casados, mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido; se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher.”

era a líder da minha célula. Eu estava meio que com medo de falar, de ela chegar e falar assim: “Manda. Corta. Tira ele do curso de líder”. (...) Ela veio falar comigo e eu disse: “Olha, Sara, é verdade. Foi um momento de fraqueza. Não justifica, entendeu?”. Ela disse: “Então, a gente vai falar com o pastor”. Aí, eu fui falar com o pastor, logo depois de meses, depois de uns dois, três meses. (...) Naquele dia, eu cheguei e falei com ele: “É isso, isso e isso”. Aí, ele disse: “Por essa atitude sua, você mostrou que ainda não está preparado. Agora, você vai aguardar e, pelos seus frutos, eu vou te conhecer”. Ah, tudo bem, né? Na hora, é uma coisa que dói muito porque é um sonho que você tem, é uma coisa que você quer, você quer ministrar, você quer pregar, você quer ter esse... (...) Na hora que Deus sinalizar para ela que eu estou preparado... Eu estou buscando isso. [Quem vai indicar é ela?] É. Quem vai indicar é ela. O pastor até falou no dia: “Agora, você pede para a Sara vir falar comigo (DANTAS, 2006, p. 145).”

Assim, o discurso da BDN se dá no sentido de reforçar o processo de internalização do controle externo e intensificar a auto-censura e a culpa em relação ao suposto pecado. Entretanto, boa parte dos membros da BDN entendem este controle como algo positivo e desejável, o que permite identificar que o discurso religioso doutrinário da BDN, por mais rígido que seja, só continua existindo porque há uma demanda favorável a isto.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas** (o que falar quer dizer). São Paulo: EDUSP, 1996.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Pentecostalismo: entre o desprezo e a recuperação do corpo**. Tempo e presença. Rio de Janeiro, ed. 296, ano 19, pp. 14-16, nov/dez 1997.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. **O que é corpo (latria)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground evangélico. In: BLASS, Leila Maria da Silva; PAIS, José Machado. **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: CAPES/Annablume, 2004.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, Instituto Mysterium, 2007.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade e neopentecostalismo: representações de jovens da igreja evangélica Bola de Neve**. Dissertação em Psicologia Social apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Orientação do Prof. Dr. Salvador Sandoval.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDEMBERG, Miriam (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. Um ensaio de Antropologia Visual do Corpo ou Como pensar em imagens o corpo visto? In: LYRA, Bernadette e GARCIA, Wilson. **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 1999.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado entre o público e o privado. In SCHWARCZ, Lílian M. **História da vida privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.

PEREIRA, Camila e LINHARES, Juliana. **O pastor é show – os novos pastores**. Revista Veja. São Paulo, ed. 1964, ano 39, n. 27, p. 76 - 85, 12 jul. 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI - No Loop da Montanha Russa**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2001.

SIMMEL, Georg. Philosophie de la modernité. La femme, la ville, l'individualisme. Paris: Payot, 1989.p. 185. APUD CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

DISPONÍVEL NA INTERNET

Bola de Neve Church. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Bola Radio. Disponível em: <www.bolaradio.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2009.

News. Bola de Neve Church. Disponível em: <www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news_081105.jpg>. Acesso em: 10 dez. 2009.

Quem Somos. Bola de Neve Church. Disponível em:
<www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=quem>. Acesso em: 10 dez. 2009.

Trecho da pregação Síndrome de Ananias, de Rinaldo Seixas. **Cultos em áudio.** Disponível em:
<www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=media>. Acesso em: 10 dez. 2009.